



Solidão

Etimologia: A palavra “solidão” tem origem latina — *solitudnem, solus, solitatem* — que significa estar só, retirado do mundo. O sentimento de ausência de companhia, seja por uma causa voluntária ou por decidir estar consigo mesmo.

“Do lado negativo, por sofrer muito, isso acontece com as pessoas que não gostam de ficar sozinhas, assim se tornam tristes, melancólicas e nos casos mais extremos desenvolvem patologias graves como a depressão.

Quando a solidão é aceita e desfrutada, ou mesmo buscada por alguém, é um caminho seguro para a criatividade, enquanto que o oposto resulta em sofrimento e um estado limitante.” (in: *Etimologia: origem do conceito*).

Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite. Embora não aguento bem ouvir um assovio no escuro, e passos. Escuridão?

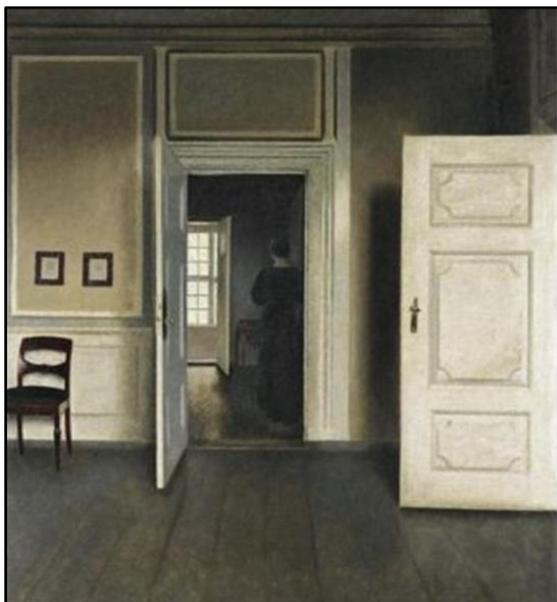
A hora da estrela, Clarice Lispector

Dimensões da solidão: As dimensões do fenômeno de solidão são discutidas levando em conta vários aspectos. Dentro da psicologia, os teóricos caracterizam os seguintes aspectos do sentimento: falta de objetivo e significado de vida, reação emocional, sentimento indesejado e desagradável, sentimento de isolamento e separação, deficiência nos relacionamentos e carência de intimidade.



A artista francesa Louise Bourgeois passou por 15 anos de confinamento doméstico após ter se mudado para os Estados Unidos com seu marido, o historiador Robert Goldwater. Foram tempos difíceis nos quais Louise enfrentou uma severa depressão. Mas ao fim de longos 15 anos, ela foi capaz de elaborar suas questões de infância e após o grande mergulho freudiano, pôde emergir dando início à produção de suas conhecidas esculturas de bronze. Os momentos de solidão, para Louise, eram de extrema criação, embora não excluíssem o sofrimento. Suas aranhas monumentais estão espalhadas por muitas partes do globo. Inclusive há uma que esteve durante 21 anos no acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Acédia — A solidão dos monges na Idade Média: “A Idade Média é também herdeira da acédia — do grego *akêdia* —, uma alteração de humor comum entre os Padres do Deserto, monges que, a partir do século IV, povoaram os desertos do Egito, da Palestina e da Síria em busca de uma vida contemplativa, ascética e de meditação. [...] Sua ação mortífera é atribuída ao demônio, ‘demônio do meio-dia’, ‘demônio meridiano’. A solidão, o calor, a vida de privações, as restrições alimentares produziram uma perda da fé e de todo o sentido da vida.” (PERES in FREUD, 2011, p.103).



Interior Strandgade 30 — Städel Museum (1901) — Wilhelm Hammershøi

O dinamarquês Wilhelm Hammershøi (1864-1916) não apenas viveu uma vida reclusa e solitária como pintou a solidão com muita propriedade. Entre 1898 e 1909, morou num apartamento na rua Strandgade, nº 30, em Copenhague, com sua mulher Ida e fez uma série de pinturas do interior austero do apartamento. A quantidade acanhada de móveis, a arquitetura limpa e a ausência de ornamentos mostravam uma crítica do pintor à pintura de interiores do século XIX que mostrava a parte interna nas suntuosas casas de classe-média. Na contramão, Hammershøi mostrava uma casa com portas brancas, paredes em tons suaves e o chão em madeira escura.

“Dono de um realismo imaginativo, Hopper retratou de forma subjetiva a solidão urbana e a estagnação do homem, causando aos observadores de seu trabalho certo impacto psicológico. Tais características sofreram forte influência de Freud e Bergson, que buscavam uma compreensão subjetiva do homem e de seus problemas. Em suas obras há a constância de paisagens urbanas, porém desertas e melancólicas. Figuras anônimas que jamais se comunicam em pinturas que evocam o silêncio.” “Edward Hopper: Realismo e Solidão”, *O caos cultural*, 28 abri. 2018.



Sol da manhã (1952), Edward Hopper
Museu de Arte de Columbus

Variação linguística:

“Eu quero ficar sozinha!” Significado: Preciso de paz, preciso de tranquilidade e silêncio.

“Tenho me sentido tão sozinho” Significado: isolado, só, em solidão.



Solidão (1994) — óleo sobre a tela — Iberê Camargo.

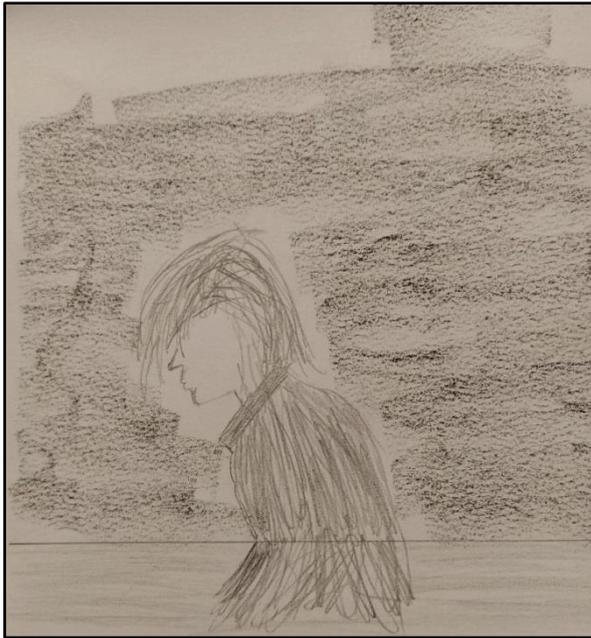
A solidão foi um tema recorrente durante toda a obra de Iberê Camargo. Não apenas na última fase do pintor, a partir dos anos 1990, mas também nas primeiras paisagens e ruas vazias das décadas de 1950 e 1960. Iberê tinha uma predileção pela leitura de escritores que criavam universos incomuns como Dostoiévski, Kafka e Camus. Suas figuras tristes e melancólicas invadem os quadros, mesmo quando o tema é um divertido passeio de bicicleta.

“Diante de uma pintura de Iberê, o sentido latente do silêncio, do isolamento e, finalmente, da solidão, é permanente. Mas, ali, o que há é o silêncio materializado em figuras e espaços, construção plástica de uma solitude que, por fim, ao ser também pensamento e reflexão sobre o mundo ao redor, nos faz companhia e nos convoca a decifrar o seu ascetismo como espelho ou janela de uma filosofia humanística.” (LEAL, 2014).



A solidão pode ser a condição da atividade criativa. Muitos grandes poetas foram solitários, a começar do grande Charles Baudelaire que, no século dezenove francês, inaugurou a poesia moderna. Baudelaire era solitário que gostava de andar a esmo pelas ruas, sem propósito, “catando” no meio da multidão os temas de sua poesia. É da solidão que nasce a fantasia, mãe de todos os projetos.

Maria Rita Kehl, 2018



“Talvez com as restrições da pandemia fique mais evidente o grau de solidão que construímos cotidianamente em nossas vidas.”

Silvio Machado, 55, Porto Alegre, RS.
Revista Cult, Lugar de fala, agosto 2020.

Fontes:

“Solidão”, in: *Etimologia: origem do conceito*. Disponível em: <https://etimologia.com.br/solidao/>.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe Pinheiro; TAMAYO, Álvaro. *Conceituação e definição de solidão*. Fortaleza: Revista de psicologia, vol. 2, n. 1, p. 29-37, jan/jun. 1984.

INGLETTO, Fernanda. “Solidão: artistas de diferentes gerações têm isolamento em comum”. In: *Vogue*. 29 abri. 2020.

PERES, Urania Tourinho. “Uma ferida a sangrar-lhe a alma”. Pósfacio a FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

POUND, Cath. “Por que o dinamarquês Hammershøi é o grande pintor da solidão?”, in: *BBC Culture*, 18 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-48290412>.

“Edward Hopper: Realismo e Solidão”, *O caos cultural*, 28 abri. 2018. Disponível em: <https://www.caoscultural.com.br/single-post/2018/05/29/Edward-Hopper-Realismo-e-Solid%C3%A3o>.

KEHL, Maria Rita. *Na dança da solidão*. Postagem no Facebook @mariaritakehloficial, 06 abri. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/146858755853433/posts/266751330530841/>.

LEAL, Weydson Barros. “Iberê Camargo: Um gigante e sua solidão”, in: *Continente*, 01 nov. 2014. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/167/ibere-camargo--um-gigante-e-sua-solidao>.